

Taxa Paga



# Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ ABRIL DE 1972 ★ Nº. 4

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XIII

Abril de 1972

Nº. 4

### A História do Pionerismo Catarinense no Setor das Comunicações

Por CARLOS BRAGA MUELLER

Por volta de 1933, Blumenau deu o primeiro passo no setor das «comunicações de massa» em Santa Catarina: um grupo de pessoas abnegadas e despreendidas, numa iniciativa pioneira, fundou e colocou em funcionamento «o Rádio Clube de Blumenau». Hoje está tão popularizada a expressão «a rádio tal» que até soa estranhamente aos nossos ouvidos «o Rádio Clube». Mas, realmente, naquela época, em que o rádio ainda engatinhava no Brasil, uma estação emissora podia perfeitamente associar-se mais a um clube do que propriamente a um empreendimento comercial. Entre os que fundaram a PRC-4 vamos encontrar a figura do historiador catarinense José Ferreira da Silva, da Academia Catarinense de Letras. Este, sim, poderá ainda escrever muito sobre os primórdios da radiofonia barriga-verde, pois além de fundador foi locutor e exerceu

muitas outras funções na emissora, pois naquele tempo era imperativo funcionar a improvisação, a boa vontade dos elementos que se dispunham a manter no ar uma emissora de rádio.

Particpei ativamente do rádio catarinense. Para ser mais preciso, do rádio blumenauense, no período de 1954 a 1963, sempre como locutor. Foi uma época de certo modo «áurea» para o nosso rádio. Em 1954 existia apenas a Rádio Clube. Quer dizer, o IBOPE não precisaria fazer nenhuma pesquisa para constatar que a emissora era líder em audiência (o que aliás ainda vem acontecendo, segundo os dados do órgão pesquisador). Logo em seguida foram surgindo novas emissoras. A cidade crescia. E vieram as Rádios Difusora, Nereu Ramos, Alvorada e Blumenau, totalizando 5 em nosso município. Também cidades visi-

nhas foram ganhando suas emissoras, como foi o caso de Indaial e Gaspar. Começou, então, a dispersão por parte dos ouvintes; cada um sintonizando a sua rádio preferida.

Ficaram famosos, no início dos anos 50, os programas de auditório, entre eles o de Marcelo Júnior. Na época estava em moda esse tipo de programas no Rio e São Paulo. Principalmente no Rio (César de Alencar, Manoel Barcelos, Paulo Gracindo e outros).

No princípio da década de 60 também fez muito sucesso um programa de auditório apresentado no palco do Cine Busch, onde a principal atração eram os «sketchs» do cômico caipira «Manduca» (lembra-se?), que hoje mora em Joinville e, segundo me consta, continua atuando em rádio. «Manduca» lotava o cinema, e os ouvintes de casa contavam-se aos milhares.

Hoje, as emissoras contentam-se em apresentar programações de estúdio, algumas galgando sucesso através de novelas gravadas nos maiores centros e programas dirigidos ao «gosto popular»; outras transmitindo música para a classe «A», e assim por diante.

Mas, o pionerismo de Blumenau no setor das comunicações não ficou restrito apenas à radiodifusão.

Em 1969 foi instalada aqui a primeira estação de TV do Estado, alcançando uma vasta área de Santa Catarina, isto pela situação privilegiada da localização da antena transmissora, ou seja no «Morro do Cachorro», local de onde se descortina uma visão panorâmica excelente do Vale do Itajaí e de gran-

de parte do nosso litoral. O alcance da emissora foi logo reforçado através da instalação de uma série de repetidoras. E a TV de Blumenau pode ser vista agora em cerca de 80% do território barriga-verde. Um ano após surgia outra emissora, esta na capital, sintonizada principalmente na região litorânea.

Tivemos a satisfação de participar, como apresentador, do primeiro tele-noticiário levado ao ar em Santa Catarina, satisfação que repetiu-se quando, em 1970, mandamos para todo o Brasil, pela Embratel e através do «Jornal Nacional», as primeiras imagens de Santa Catarina, que foram assistidas por milhões de brasileiros, de cerca de 10 Estados da Federação.

E, mais recentemente, outra prova de «pioneirismo» foi dada por Blumenau, com a instalação de um jornal diário de penetração em todo o Estado, impresso pelo moderno sistema do «off-set», com máquinas eletrônicas substituindo linotipos e outras inovações, pioneiras na imprensa catarinense.

Finalmente, não devemos nos esquecer, também, que Blumenau foi uma das primeiras cidades brasileiras, e a primeira no Estado, a contar com o sistema telefônico do DDD, ou seja a discagem direta à distância, um grande passo no setor das comunicações, possibilitando-nos o contato direto, através do telefone, sem a interferência das telefonistas, com os principais pontos do País

Por tudo isso, Blumenau representa uma grande força quando se fala em pionerismo das comunicações em Santa Catarina. O que muito ufana os blumenauenses, merecendo este registro todo especial.

## “FOURIERISMO” em Santa Catarina

Por WALTER F. PIAZZA

Na história da evolução das idéias socialistas há um período conhecido como do «Socialismo utópico» (1820 - 1850).

Tal período é, desta forma, classificado, porquanto às idéias falta método, as pretensões não tem praticidade, são utópicas, e aos seus princípios teóricos faltam unidade.

Deste período são expoentes teóricos SAINT - SIMON (1760 - 1825), FOURIER (1772 - 1837), CABET (1786 - 1856) e BABEUF (que se distinguiu durante a Revolução Francesa).

Deste período da vida da Humanidade há um retrato bem delineado:

«Um período de estacamento desse genero - no qual o pensamento parece recolher-se e preparar as transformações futuras e sem demora visíveis - verificou-se durante os anos que vão do Consulado (fim de 1799) e a queda definitiva de Napoleão (1815). Neste intervalo os livros que abordavam os assuntos políticos foram raros e mais raros ainda os em que se pudesse encontrar um pensamento político original; nenhum deles conheceu uma difusão apreciável. Por esta época o Mundo estava bastante agitado e ocupado, para que pudesse dar atenção a teorias e a doutrinas políticas. Sabe-se ainda que Napoleão não gostava de ideologias, a quem muitas vezes perseguia. É digno de nota que algumas publicações de caráter político aparecidas no Império, não chegaram a adquirir uma certa notoriedade senão depois de 1815.

As obras de Charles Fourier estiveram nesse caso. Nasceu ele em Besançon, em 1772, de uma família de negociantes bastante abastados. Esteve empregado em Lyon durante a Revolução, e tomou parte na insurreição dos Girondinos contra a Convenção que ocorreu naquela cidade em 1793. Após a tomada de Lyon, foi preso e conduzido a Paris, e teria sido provavelmente guilhotinado, se a queda de Robespierre não se verificasse. Fourier, em seguida, passou a empregado de um grande negociante em Marselha. Ai assistiu a um fato que lhe causou grande impressão. O período era de fome, e os generos alimentícios eram raros e custosos. O negociante com quem Fourier trabalhava, a fim de forçar a elevação dos preços, teria, afirma ele, jogado ao mar cerca de vinte mil quintais de arroz. Este fato, cuja veracidade aliás, é duvidosa, teria levado Fourier a estudar as leis da organização social e a procurar os meios capazes de trazer remédio aos males de que sofria a sociedade. O resultado de seus estudos foi a Teoria dos Quatro Movimentos, publicada em

1808, a Associação Doméstica e Agrícola, publicada em 1822, e o Novo Mundo Industrial, publicada em 1823.

Nas suas obras, sobretudo na última, Fourier expõe um completo sistema, por sua vez, cosmológico e sociológico. Parte ele do princípio de que a falta de organização do trabalho produz um enorme desperdício de forças, que têm como consequência tornar a produção bastante inferior à que deveria ser, se o trabalho fôsse cientificamente organizado. Cita como exemplo as cozinhas, afirmando que se fôsem reunidas de tal maneira que cem famílias pudessem delas se servir, poderiam alimentá-las com mínima despesa.

Fourier propunha a organização de comunidades compostas, cada uma, de dez mil pessoas, a que chamava Falansterios. Nessas comunidades, a distribuição dos encargos seria feita segundo o que chama a atração passional, porquanto Fourier acreditava que a natureza distribuiu aos indivíduos as vocações de tal maneira que ficam em perfeita harmonia com as necessidades que a humanidade pode ter em relação a tal ou qual espécie de trabalho. Entretanto, se bem que suas idéias possam parecer um tanto delirantes, não se pode recusar a Fourier alguma centelha de genios, porque na análise que faz das diversas paixões humanas há observações agudas e originais.

O autor expõem as consequências que podem parecer estranhas à instituição dos falansterios. A terra será, diz ele, pouco a pouco rejuvenescida por uma nova criação; chegar-se-á a uma eterna primavera e os climas mais rigorosos tornar-se-ão temperados. A vida humana se prolongará até os 176 anos, e o homem chegará a domesticar monstros estranhos chamados autileões e autibaleias. Graças aos primeiros os veículos serão puxados a uma tal velocidade que se poderá almoçar em Paris e jantar em Marselha. Graças aos segundos os navios também poderão atingir a extraordinárias velocidades. Os admiradores de Fourier sustentam que ele havia, por tudo isto, previsto a introdução das estradas - de - ferro e dos navios a vapor. Mas pode-se objetar que os navios a vapor já estavam inventados e que as estradas - de - ferro foram inventadas um pouco mais tarde, sem haver sido precedidos de organização falanstérios, e pode-se afirmar com certeza que a instituição dos falanstérios não teria tido como consequência necessária a realização de outras profecias do sociólogo de Besançon.

Data a mentalidade desse tempo, no qual acreditava-se por toda parte numa próxima e radical transformação da sociedade, um pequeno número de personalidades tornaram-se discípulos de Fourier. Entre elas se encontrava um subprefeito que se chamava Muiton. Faltavam a Fourier um milhão de frascos para que pudesse organizar seu primeiro falanstério, mas ninguém lhe conseguiu esta importância, tendo Fourier falecido em 1837. Alguns anos mais tarde erigiu-se uma estatua em sua homenagem em Besançon». (MOSCA e BOUTHOU, 1962, pp. 226 - 229).

Sobre a sua vida particular, há esta afirmativa: «celibatário

convicto, simples e irrepreensível na sua vida particular, mas com pronunciada veia de excentricidade, que se revelou acentuadamente nos seus escritos e com frequência serve para ocultar a profunda e a originalidade das suas idéias», (BIRNE, 1964. pp. 140 - 142).

Queria Fourier a redenção, transportando ao céu, em substituição ao cristianismo, é incrédulo, é cheio de veneração pela animalidade.

Em 1814 tem o primeiro discípulo JUSTE MUIRON, antigo prefeito do Império, em 1830, já dobram os seus discípulos, em 1832 já tem o seu órgão de imprensa «PHALANSTÈRE», depois chamado «Réforme industrielle».

Os seus discípulos o chamam de «O revelador», «demiurgos do mundo societário», «o arquiteto da felicidade sôbre a terra».

A sua doutrina não se propõe só a uma reforma industrial. O plano de Fourier é simples: reduz-se a mudar o mobiliário do mundo, destina-se a colocar em tôdas as vilas e cidades os palácios - comuns, tudo no seu sistema apresenta simetria de um ritmo simbólico: os 32 coros da falange correspondem aos 32 dentes do homem, os 810 caracteres são os 810 músculos do corpo humano, os 400 trabalhos as 400 famílias da falange. Dentro da concepção de Fourier a educação contém uma nova série de possibilidades e a indústria não é mais que uma festa contínua.

Em 1834 desespera-se de organizar a colônia de Condé-sur-Vesges, e o seu lugar-tenente LECHVALIER lança a «Revue du Progrés Sociale».

Em 1836 surge «Phalange», dirigida por VICTOR CONSIDERANT, oficial de engenharia, autor de «Destinée sociale», obra de grande êxito, dedicada ao Rei e «La démocratie pacifique» é a nova arma impressa dos seguidores de Fourier.

Há um bom número de escritores «fourieristas», da mesma época:

JUSTE MUIRON - 1824 - «Aperçus sur les procédés industriels».  
JULES LECHEVALIER - 1835 - «Études sur la science sociale».  
PAGET - «Introduction a l' étude de la sciences ociale».

GATTI DE GAMOND - 1838 - «Fourier et son système».  
GATTI DE GAMOND - 1840 - «Réalisation d' une commune sociétaire».

No artigo «O Falanstério do Saí», o Almirante Henrique Boiteux (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, vol. XII,

1º semestre de 1944, pp. 47 - 90), enumera as atividades do dr. J. B. Mure - o médico idealista, seguidor das idéias de FOURIER - na sua tentativa de criar uma colônia industrial - um falanstério - em terras brasileiras, ou mais precisamente nas terras da península do Saí, hoje integrantes do município de Garuva.

Faz, o aludido trabalho, a partir de documentação oficial e correspondências publicadas nos jornais da época, quer do Rio de Janeiro, quer do Destêro (hoje Florianópolis), ampla cobertura da ação do dr. Mure.

Chegados, em janeiro de 1842, os primeiros cem foram localizados.

Os homens chegados eram artesãos e não agricultores.

Foi necessário abrir picadas na mata virgem, foi necessário dedicarem-se à agricultura para subsistir, pois, sendo, em sua maioria artesãos, não tinham na maior parte do tempo trabalhos de suas especialidades.

Dai a dispersão: uns para montar uma serraria para o Cel. Francisco de Oliveira Camacho, no Itapocu - eram fabricantes de máquinas a vapor; dispersaram-se, também, doze marceneiros, e assim, sucessivamente.

Desta forma, o que, no primeiro momento, pareceu um grande passo no desenvolvimento econômico de Santa Catarina, transformou-se num pesadelo - especialmente para as autoridades brasileiras, da região, e para o representante da França no Rio de Janeiro, que a 24 de maio de 1844, solicitava ao seu govêrno que impedisse o embarque que se projetava de mais de 1000 «societários» para a Colônia do Saí.

Entretanto, hoje passado mais de um século daquele empreendimento não se teve ainda, uma avaliação conveniente do que, efetivamente, representou aquele núcleo francês no panorama social e econômico de Santa Catarina e, em especial, no seu litoral norte. Sente-se, ao perquirir aquelas páginas da história regional que falta um elo entre aquele passado e o presente.

#### Bibliografia:

BIRNIE, ARTHUR - 1964 - História Econômica da Europa, Zahar eds., Rio de Janeiro. Biblioteca de Ciências Sociais, 348 pp.

MOSCA, G. e BOUTHOU, G. - 1962 - «História das Doutrinas Políticas», Zahar eds., «Biblioteca de Ciências Sociais», Rio de Janeiro, 416 págs.

SCHILLING, KURT - 1966 - «História das idéias sociais», Zahar eds., Rio de Janeiro, Biblioteca de Ciências Sociais, 398 pp.

# ROTEIRO SENTIMENTAL

POR GUSTAVO KONDER

Passados mais de 25 anos, resolvi, em janeiro de 1970, fazer um roteiro sentimental com a minha esposa à cidade maravilhosa - Rio de Janeiro-, afim de rever a sua incomparável natureza e a sua espantosa metamorfose, durante o longo período da minha ausência, pois saí de lá em fins de 1942 na negra época da Segunda Guerra Mundial.

Partimos da bucólica Blumenau às 9 horas da manhã pelo ônibus da bem organizada Empresa «Nossa Senhora da Penha» e chegamos ao Rio no dia seguinte, às 8 horas, de uma belíssima e ensolarada manhã, embora com um atraso de quase 2 horas, em virtude da tremenda tromba d'água apanhada no Estado de São Paulo. A viagem foi ótima, pois dormimos toda a noite, acomodados confortavelmente nas poltronas-camas, com ar condicionado suavemente perfumado. Devo deixar aqui os nossos melhores elogios aos dois anônimos chauferes, pela sua eficiência e dedicação.

Permanecemos apenas uma semana no Rio e, durante o curto lapso, visitamos todos os recantos apreciáveis. Apesar de já ter subido duas vezes ao famoso Pão de Açúcar, nos cinco anos que lá residi, fui novamente para mostrar à minha esposa a extraordinária visão panorâmica da Guanabara, a pérola mais linda do Mundo! Vimos, lá do alto do gigantesco pe-

nhasco, a lenta marcha de uma potente belonave da nossa marinha de guerra, zarpando garbosamente para o mar. Todos os angulos da Baía, das cidades -Rio de Janeiro e Niteroi-, das praias e das incomparáveis montanhas, foram demoradamente admirados.

Descemos e fomos ao atêrro da Gloria, onde visitamos o monumental Mausoléu dos Pracinhas tombados na Italia na última guerra. Quando chegamos ao subterrâneo e vislumbrando as 400 urnas mortuárias floridas e com lampadas eternas acesas, a minha esposa se poz a chorar. Confesso que também fiquei muito emocionado.

Creio que a maior parte dos catarinenses ainda desconhece a história deste maravilhoso monumento, pois vou revelar-lhe algo a respeito. A planta e a construção foram executados pelo arquiteto Marcos Konder Neto, meu filho, que fôra classificado em primeiro lugar no concurso do Ministério da Guerra, por ordem do General Lott, então ministro da guerra. O meu filho é catarinense, nascido em Blumenau, durante a enchente de 1927. Atualmente com 45 anos é um dos altos funcionários do Governo da Guanabara e professor da Faculdade de Arquitetura. Além disto, também executou muitas plantas e projetos importantes, quase, todos premiados em diversos concursos. Muito

me entristece que, o nosso Estado, não tenha se lembrado dele, pois modestia à parte, é um dos modernos arquitetos brasileiros da atualidade.

Fomos ao morro do Corcovado (700 metros de altura), de automovel, porque naquela época o bondinho estava paralizado, em virtude da insolvência da empresa exploradora, hoje felizmente encampada pelo governo. Após subir os inumeros e cansativos degraus do pedestal da grande estátua de Cristo, com os seus braços abertos, apreciamos a apoteóse inigualável da Cidade Maravilhosa.

A imagem do Cristo do Corcovado tem 30 metros de altura; 30 metros entre os pontos extremos dos dedos, medidos ao longo dos braços estendidos; nove toneladas de peso para cada mão; 20 para a cabeça e 80 para os braços. O peso de toda a estátua é cerca de 700 toneladas, que conjugado com o pedestal de 500 toneladas, é capaz de resistir às maiores pressões dos ventos, ocasionados pelos fortes temporais que assolam aquelas alturas.

É uma das maiores estátuas do Universo e a maior estátua de Cristo que jamais se contruiu.

É única, porém, na atitude dos braços em cruz, que criou um problema novo na ordem construtiva.

O colôso de Rhodes, a estátua de São Carlos Borromeu, da Vierge du Puy e a de São José, em Espaly, ambas da França, a da Baviera, em Munich, umas existentes, outras destruidas, nenhuma se lhe iguala em alturas, em dificul-

dade e tecnica de execução.

Somente a da Liberdade, nos Estados Unidos, pode servi-lhe de termo de comparação quando ás dimensões, mas, no mais, quanta dissimilhaça!

Se uma representa a apoteóse de metalúrgica de ferro, a outra é a vitoria do concreto armado.

São ambas simbolos representativos de épocas, gerações e mentalidades, mas como eles são diferentes!

Ostenta, a estátua da Liberdade, orgulhosamente, um faról em uma das mãos e o livro de sabedoria, na outra, ao passo que a estátua da Caridade apresenta, humildemente, ao mundo, as chagas de suas mãos.

Fita uma altaneira, o horizonte imenso, como a desafiar os elementos, enquanto a outra pende a cabeça amorosamente para a terra onde a humanidade se debate em um vale de lagrimas. Mas, em compensação, enquanto a estátua da Caridade campeia nas alturas e é bafejada pelas brisas puras daquelas regiões da atmosfera, a estátua da Liberdade rasteja ao nivel do mar, envolvida, quase sempre, pela bruma espessa que se forma nas proximidades de um grande centro industrial.

Nem poderia ser de outra maneira; a Caridade paira muito acima da Liberdade.

O grande estatuário parisiense Paul Laudowsky idealizou e executou o nosso abençoado Cristo do Corcovado, em homenagem ao primeiro centenário da nossa indepen-

dencia.

Visitamos depois o magnífico Jardim Botânico, fundado pelo esclarecido Regente D. João, em 1808. O parque possui em exposição, nos seus 550 mil metros quadrados, 7.000 espécies diferentes de flora classificada. Neste local pode ser vista a primeira estátua fundida no Brasil Colonial (em 1783) um Naiáde, de autoria do Mestre Valentim, escultor brasileiro. Orquídeas, Vitorias-régias, palmeiras reais e outras plantas tropicais e exóticas figuram em todos os cantos, bem tratados e harmoniosos. Bandos de pássaros de todas as espécies até papagaios e periquitos são avistados ali, voando livremente ou passeando nas espaçosas alamedas e isto em pleno coração da imensa cidade.

Atualmente um sábio catarinense - Padre Raulino Reitz - é o seu diretor.

Saimos com um sorriso de satisfação, pois somos amantes da nossa magnífica natureza, infelizmente tão pouco apreciada pela maioria do público.

Também percorremos a gigantesca Floresta da Tijuca, antigamente fazenda da nobre família Taunay. Recanto aprazível, atravessado por uma estrada pitoresca, que liga os pontos mais importantes: a Cascatinha, o Lago das Fadas, a Gruta de Paulo e Virginia, e o Restaurante dos Esquilos. Na capela Mayring, erguida em 1860, em plena floresta, estão expostos os quadros religiosos do imortal Candido Portinari.

No último dia da nossa permanência, visitamos a Quinta da Boa Vista, um vasto parque, a poucos minutos do centro da cidade, antigamente residência de D. João, o Regente, e dos Imperadores brasileiros D. Pedro I e D. Pedro II. Situa-se nesse par-

que, além do extraordinário Museu Nacional e do Museu da Fauna, o Jardim Zoológico, que ocupa uma área de 100 mil metros quadrados e ostenta uma das mais ricas coleções de animais do mundo.

Muito interessante anotar que, perto da Quinta da Boa Vista, está situado o palácio de dois andares, rosado e ricamente ornamentado, mandado construir pelo nosso irrequieto e fogoso D. Pedro I para a sua querida Domitila, a famosa Marquiza de Santos!

Outro recanto que também nos deixou extasiados foi o Largo do Boticário. Trata-se de uma pitoresca reminiscência do Rio antigo, recordando a época dos lampiões e das fontes de pedra. Fica no romantico bairro do Cosme Velho.

Percorremos também outros lugares atrativos, infelizmente, por falta de dados, não posso descreve-los historicamente, pois seria encompridas demais esta crônica, o que seria cansativo aos meus pacientes leitores.

Antes de voltar ao Sul, ainda Viajamos de ônibus até Baurú no Estado de São Paulo, Pela extraordinária via «Castelo Branco», a mais moderna do Brasil, para visitar os nossos filhos e netinhos.

Achamos a cidade de Baurú maravilhosa e progressista. Possui uma grande colônia japonesa e tem um bonito e original pagode (Igreja), talvez o único no Brasil. As ruas são bastante largas e compridas, todas asfaltadas, e o comércio é riquíssimo. Fica bem no coração do Estado de São Paulo.

Fizemos a viagem de volta num dos trens noturnos de Sorocaba até a Capital paulista. De S. Paulo à Blumenau embarcamos novamente no ônibus da Penha. Era mais ou menos meia noite quando chegamos ao nosso lar - cansados porém felizes!

# O TRABALHO DOS FRANCISCANOS

Afonso RABE

(Agora, que estamos em vésperas dos centenários da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau e da fundação do Colégio Santo Antônio, vale reproduzir a conferência que o Dr. Afonso Rabe, então prefeito Municipal, pronunciou por ocasião dos festejos, realizados nesta cidade, em 22 de maio de 1942, em comemoração do cinquentenário da chegada dos padres franciscanos a este Município. Fazendo-o neste número de "Blumenau em Cadernos" acreditamos estar, desde já, despertando a atenção e o interesse dos catarinenses para os dois marcantes eventos, de alto significado no desenvolvimento espiritual e cultural do nosso Estado.)

Gentilmente convidado pela comissão festeira, para, na qualidade de atual prefeito municipal desta comuna, filho deste pedaço da grandiosa terra brasileira, e, ainda como ex-aluno do Colégio Santo Antônio, para assumir esta parte do programa de festividades do cinquentenário dos Padres Franciscanos em Blumenau e regiões vizinhas, aqui estou para de sincumbir-me da honrosa missão.

Antes de tudo, quero agradecer aos dignos padres desta casa, que me facilitaram extraordinariamente a tarefa, pondo-me à disposição o completo arquivo histórico que possuem e do qual tirei a grande maioria dos dados que vos passo a expor. Lá pelo ano de 1891, a situação da ordem Franciscana no Brasil não era nada lisongeira. Estava em franco declínio numérico, ameaçada mesmo a desaparecer. Os superiores da ordem, na casa central da Europa, apressaram-se em mandar ao Brasil, os necessários reforços eclesiásticos, correspondendo, assim, também aos desejos do próprio vaticano.

Em julho daquele mesmo ano, chegaram ao nosso Estado os primeiros frades, após uma viagem de sete semanas, dirigindo-se imediatamente a Terezópolis, localidade situada ao largo da atual Estrada de Florianópolis para Lages, à cerca de 50 km. da Capital, onde se estabeleceram.

Eram dois sacerdotes e dois irmãos leigos.

Imediatamente após a chegada em Terezópolis, foi assumida a direção da Paróquia pelo seu superior, Frei Amando Bahlmann.

Em fins do mesmo ano, chegaram mais 8 membros da Ordem,

entre os quais os padres Zeno Walbroehl, Lucínio Korte e Rogério Neuhaus.

Em princípios de 1892, assim reforçados e a pedido do bispo diocesano, aquela paróquia, agora a cargo dos franciscanos, foi dilatada até Lages, Curitiba e Campos Novos.

Na mesma época, o então vigário da vastíssima paróquia de Blumenau, que foi o padre José Maria Jacobs, sentindo-se doente e alquebrado pela luta heróica e titânica, que por mais de 15 anos sustentara nestas plagas, com verdadeira abnegação e inúmeros sacrifícios, logo que recebeu notícias de seu antigo e fiel amigo o padre Hehn, da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, dirigiu-se em missiva ao referido superior, frei Amando, em Terezópolis, com o pedido de que também assumisse a sua paróquia.

O padre Amando que, na passagem pelo Rio, já soubéra por intermédio do mesmo padre Hehn, da difícil situação do zeloso padre Jacobs, acolheu favoravelmente a proposta.

Revela o padre Stanislau Schaeffe, que na ocasião, um colono católico de Blumenau, de nome Henrique Reuter, vindo de Lages com uma tropa, parou frente à porta do humilde convento de Terezópolis para saudar os sacerdotes.

Quando soube da próxima ida dos franciscanos à sua colônia, mostrou-se jubiloso e convidou o superior a seguir logo, em sua companhia. Aceito o convite, os padres Amando, Lucínio e Zeno encetaram sua primeira viagem a Blumenau, guiados pelo tropeiro Reuter, que era dono de um belo sítio nas proximidades de Indaial de hoje, conservando-se sempre amigo dedicado dos frades, para os quais, sua casa hospitaleira sempre agradável abrigo nas penosas viagens dos mesmos.

Pela manhã do dia 13 de março de 1892, quando os 3 franciscanos apearam de suas mulas, à porta da casa paroquial do padre Jacobs, aqui em Blumenau, deu-se um fato humorístico, como ainda revela o padre Stanislau:

É que, a velha madame Murphy que cuidava da casa e cozinha do vigário e nunca tendo visto padres franciscanos e talvez já um tanto miope, ao vê-los, foi pressurosa à procura do vigário, chamando em vós alta: chegou visita de 3 pessoas aí! Não sei se são homens ou mulheres!

O padre Jacobs, recebeu com vivo contentamento os missionários, os quais, nos poucos dias em que com eles aqui permaneceram, tiveram ensejo de inteirar-se da grande obra realizada pelo mesmo.

Na sua volta à Terezópolis, após minuciosos conclaves com os demais sacerdotes e com assentimento da autoridade episcopal, ficou de-

liberada a aceitação da oferta do padre Jacobs.

Por ordem do seu superior, voltaram a Blumenau, os frades Zeno e Lucínio, os quais, em 22 de maio de 1892, justamente há cinquenta anos atrás, assinaram pela Ordem Franciscana, o contrato de doação e transferência da Paróquia e do Colégio, fundado e administrado até aquela data pelo padre Jacobs.

Por êsse documento, que se encontra nos arquivos dêste Colégio, constando de 10 parágrafos, ficaram sob a guarda da Ordem Franciscana: a igreja, a casa paroquial, uma casa velha que funcionou como primeira capela, o cemitério, todo o terreno da igreja, cultivado ou não, bem como as propriedades particulares do vigário, todas as capelas do interior, inclusive utensílios eclesiásticos e outros, o colégio, então denominado S. Paulo, com todos os prédios anexos e completo mobiliário bem como todos os demais móveis e imóveis material escolar, livros, veículos, animais e etc..

Os franciscanos, por sua vez, comprometeram-se a continuar com afinco a obra religiosa e educacional do padre Jacobs, o qual partiu em 16 de junho de 1892, com destino ao Rio de Janeiro, com lágrimas nos olhos, mas com o coração confortado pela certeza da continuidade de seus empreendimentos.

Aliás, no Rio, pouco depois de ter entrado para o serviço do hospital da Gambôa, adoeceu gravemente de febre amarela, vindo a falecer a 1º de agosto daquele mesmo ano.

Desde o início os seus sucessores entregaram-se com ardor à missão, à qual dedicaram suas vidas.

A paróquia sob seus cuidados era enorme, estendendo-se de oeste a leste entre as de Gaspar e Lages, numa distância de cerca de 160 km., ao norte, 50 km. até Massaranduba e o território adjacente de Jaraguá a 72 km.; e, para o sul, uns 30 km.. A imensa região era naquela época, muito pouco povoada, existindo apenas núcleos espalhados, mais ou menos prósperos, com as suas respectivas capelas, que eram, em 1893, as seguintes: Aquidaban, Guaricanos, S. Paulo, Rodeio 1º, Rodeio 2º, Caminho Tirolez, Rio Cedro, Estrada Pomeranos, Rio Benedito, Rio Ada, Rio Jusepino, Rio Joana e Carolina, Rio Garibaldi, Jaraguá, Rio Morto, Caminho da Areia, Encano, Badenfurth, Rio Testo e Massaranduba.

Densas florestas, apenas cortadas por estreitas, e tortuosas picadas, separavam comumente estes núcleos.

Só próximo à sede, estas picadas tinham se transformado em picadões ou primitivas estradas de rodagem, que às vezes davam passagem às carroças, outras vezes, não!

Para chegarem nos diversos destinos, os frades empreendiam viagens até de vários dias, nas circunstâncias, as mais difíceis. Quando

as picadas o permitiam, o lombo da mula resolvia o problema da condução! Frequentemente, porém, nas de pouco trânsito, a exuberante natureza já as fechara novamente, e os padres então, tinham de saltar e, a pé, em igualdade de condições com o quadrúpede, vencer morros, vales, ribeirões ou pântanos.

Não raro eram surpreendidos por copiosas chuvas, sendo estes banhos involuntários, particularmente desagradáveis, no inverno.

Tais aguaceiros enchiam formidavelmente os ribeirões, tendo o padre de esperar, às vezes, muitas horas, encharcado da cabeça aos pés, para chegar à margem oposta, pois, as chamadas pontes, resumiam-se, quase sempre, em simples troncos de árvores abatidas em cima do riacho, num ponto qualquer, mais estreito.

Quanto a canôa, eram objetos raros, ou então, nem sempre à mão, como geralmente acontece quando se precisa das coisas com urgência.

Além de tudo isso, havia o perigo dos índios selvagens a cruzarem as florestas e que não raro liquidavam viajantes, tropeiros, os animais de montaria e carga.

Em ocasiões diversas, dois frades foram assim atacados, quando viajavam de Blumenau a Lages; Felizmente, ambos escaparam com vida.

Desta maneira, os sacerdotes levavam às vezes, meses, até chegarem novamente à sede da paróquia, não sendo de admirar, quando nessas ocasiões, o superior, em resposta à afirmativa do sacerdote que dizia sentir-se bem, apesar dos pezares, ponderava simplesmente: está bem mas não parece!

Além da construção de capelas, e da Assistência religiosa aos seus fieis, os frades sempre tiveram em mira a intrução popular e criando escolas primárias, combatiam o analfabetismo, colocando os fundamentos para o estudo da lingua vernácula.

Angariar os meios pecuniários para conservar escola e professor, contitua luta constante e nobre, merecendo sempre os maiores cuidados dos vigários.

Com o aumento natural da população e o desenvolvimento geral da região, os encargos iam crescendo e exigindo cada vez maior número de auxiliares.

Adaptando-se desde logo ao novo meio, trataram de formar cléricos nacionais, para lhes continuarem a obra.

Assim, já em 1º de maio de 1895, chegaram de Pernambuco, alunos do colégio Seráfico, para aqui completarem os seus estudos, pre-

parando-se para ingressar na ordem franciscana. Este colégio funcionou até 1922, quando foi mudado para o Rio Negro. Mais de 100 novos membros da ordem, formaram-se aqui, nesse espaço de tempo.

Com o progresso rápido e constante da primitiva colônia, não era mais possível dirigir desta sede, com o carinho necessário, a grande paróquia.

A primeira, a ser separada de Blumenau foi a freguezia de Rodeio, no ano de 1900, da qual, por sua vez, foram desligadas, posteriormente, Rio do Sul, Rio do Oeste, Ascurra, Rio do Cedro e parte de Jaraguá.

Em 1911, seguiu-se a autonomia da freguezia de Massaranduba, e, em 1912, a de Luiz Alves.

Hoje, todas são florescentes paróquias, frutos incontestáveis do trabalho denodado e constante, daqueles pioneiros franciscanos.

Entre os 12 que sucederam o primeiro vigário franciscano de Blumenau, o padre Zeno, destacam-se os Freis Filipus, Crisologus e Marzelus, posteriormente padres provinciais, e o frei Daniel desde 1929, bispo de Lages.

Aqui na sede, as atividades dos franciscanos mantiveram também sempre o mesmo e vigoroso impulso. A igreja matriz, terminada em 1876, sob a orientação do padre Jacobs, de 1924 em diante, por iniciativa do então vigário, Frei Daniel, atendendo às premente necessidades, foi completamente reformada e consideravelmente aumentada, a-fim-de dar abrigo ao número, cada vez maior, de devotos.

Com a transferência de frei Daniel, em 1926, continuou, com zelo, a tarefa, o padre Gabriel Zimmer o qual, em 1927, instalava o novo e grande órgão, em 1928 adquiria os novos sinos, pesando quase 3.000 quilos, e, em 1930, completava a nova e soberba torre de 33 metros de altura, onde instalou, no mesmo ano, o grande relógio que aí está, guiando a vida da cidade.

E este outro grandioso monumento que é o colégio?

É também uma fundação do padre Jacobs, que o denominou colégio S. Paulo.

Quando em 1892, passou às mãos dos franciscanos, tinha a matrícula de 33 alunos, sendo 12 internos e 21 externos.

Entre parênteses, tenho a satisfação de dizer, que entre estes últimos, figurava o meu pai.

Frei Zeno e outros competentes abnegados mestres-escola, en-

carregaram-se do ensino.

Um deles, o frei Solano, ainda vive e ainda trabalha hoje, em Gaspar.

Rapidamente cresceu a fama do colégio. De perto e de longe afluíam os alunos, vendo-se os frades obrigados a aumentar o colégio, a fim de atender a procura de lugares.

As obras iniciadas em 1894, foram concluídas por razões vâpias, somente 3 anos depois, sendo dado ao colégio, por ocasião da inauguração o novo nome de Santo Antônio, conservado até hoje.

Tendo-se o colégio, após a chegada dos alunos do colégio Seráfico de Olinda, Pernambuco, dedicado quase exclusivamente a formação de jovens que se dispunham à carreira eclesiástica como franciscanos, a matrícula comum diminuiu temporariamente de maneira sensível.

A fim de não abandonar a assistência educacional de seus alunos, o padre Zeno conseguiu a vinda à nossa cidade das irmãs da Divina Providência, as quais se encarregaram dos cursos elementares, feminino e masculino da escola paroquial, anexa ao seu próprio convento, onde ainda hoje se encontram.

Entretanto, já em 1904, os franciscanos restabeleceram o colégio, cujo bom nome atraiu novamente grande número de alunos. Já no ano seguinte o padre Gabriel construía no patio da igreja, um novo prédio escolar, o qual, anos mais tarde, foi acrescido de mais um pavimento, pelo padre Stanislau, e como tal, ainda hoje aí está.

Em 1911, êsse último sacerdote desincumbiu-se brilhantemente da missão que lhe confiara, por sua competência reconhecida no assunto, o então bispo de Santa Catarina, D. João Becker, elaborando um novo programa de ensino, que foi incontinentemente adaptado no colégio dirigido pelo padre Gabriel.

Com a transferência desse último, como superior, para Lages, em 1912, coube a direção do colégio ao padre Stanislau, que o regeu até 1921.

Naquela época, de 1914 até 1917, também eu fui aluno dêste estabelecimento.

Além dos cursos primários fundamentais, havia ainda os cursos chamados de aperfeiçoamento, que eram dedicados no início, principalmente à formação de professores para as escolas do interior, devido a falta de estabelecimentos escolares e professorado oficiais na época.

O intenso desenvolvimento comercial e industrial de Blumenau, fizeram com que se anexassem, também, o curso comercial, a fim de pre-

parar, condignamente, os numerosos jovens, e torná-los mais aptos a desempenhar funções nesses ramos de atividade

Esse curso comercial foi equiparado em 1922, ao Instituto do Comércio do Rio de Janeiro, graças aos esforços do padre Ernesto Emmendoerfer, que assumira a direção do colégio, no ano de 1921, em substituição ao frei Stanislau.

Em 1924, foram conferidos os primeiros diplomas oficiais de guarda-livros, a 13 alunos.

Com a transferência em 1923, do colégio Seráfico para Rio Negro, ficou solucionada a questão do espaço que se estava tornando cada vez mais premente, com o constante aumento da matrícula dos outros cursos.

Já o ano de 1925, revelou um número de 337 alunos.

Data daquela época também, o início das instalações de coleções científicas, dos gabinetes de física e química, museu de história natural, a biblioteca etc.

Em 1930, a direção do colégio, em virtude da reforma do ensino, viu-se ante o seguinte dilema: ou a continuação da escola de comércio adaptada às novas exigências, ou a realização da aspiração de muitos blumenauenses, isto é, a criação de um ginásio.

Tendo o frei Ernesto se decidido pelo último, deu imediatamente os passos necessários para a sua oficialização e já em 1932, conseguiu a inspeção preliminar, obtendo em 1938, pelo decreto federal nº 2.626, a inspeção permanente.

A última turma de guarda-livros do colégio Santo Antônio, despediu-se em 1931.

Nos anos de 1936 e 1937, o edifício principal do colégio foi novamente reformado e aumentado, sendo nessa ocasião, também construído o salão nobre no qual nos achamos, bem como vários campos de educação física.

Certamente não serão as últimas transformações, pois a tendência é de franco progresso.

É que, em apenas 10 anos de curso ginásial equiparado, o colégio Santo Antônio soube impor-se como sólido e eficiente preparador da mocidade estudantil brasileira, sendo como tal, admirado já muito além das fronteiras do município e mesmo do Estado.

Eis um pequeno resumo histórico dos primeiros 50 anos de profícuos trabalhos dos franciscanos, no terreno religioso e educacional

em Blumenau e vizinhanças.

Não devemos olvidar o sem número de outras iniciativas caritativas e sociais dos mesmos.

As centenas de pessoas, por exemplo, que por ocasião da grande enchente de 1911 obtiveram por muitos dias, neste colégio, abrigo e alimento, certamente jamais os esquecerão.

O Hospital Santa Izabel foi fundado e cresceu sempre, com a mais estreita colaboração dos franciscanos.

A Associação Vicentina e outras congregações, falam por si.

O desenvolvimento da Ordem Franciscana em toda essa região, está pois, intimamente ligada ao progresso da mesma e do qual lhes cabe, indubitavelmente, parte apreciável.

Muitos desses abnegados e heróicos sacerdotes, já entregaram sua alma ao Criador; outros, por motivo de saúde, estão afastados dos seus misteres.

Os primeiros, já receberam, certamente, a justa recompensa.

Aos segundos, almejamos um pronto restabelecimento, para que possam continuar a dedicar seus competentes predicados às suas respectivas funções.

Finalizando, queiram pois, receber minhas calorosas felicitações, todos os dignos membros desta casa, atualmente sob a direção de frei Gentil, augurando-lhes um futuro radiante e incitando-os a continuarem a trabalhar também como até agora, por intermédio de todo o seu grande rebanho humano, em pród da ininterrupta prosperidade de nossa pátria brasileira!!!



## Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

# Figueira da Praça XV

OSMAR SILVA

(Da Academia Catarinense de Letras)

Numa dessas noites em que a gente sente vontade de sair por aí, de andar por aí, como diz a letra do samba, talvez à procura da paz que se perdeu ou perdido em pensamentos que roubam a paz, ia eu pela Felipe Schmidt, sem destino certo, quase sem sentir o calor que me seguia os passos. Um vago ponto perdido numa rua da cidade.

Noite sem lua e sem estrelas, céu enfurruscado ameaçando chuva, rua sem colorido como parede de casa sem pintura, automóveis em fila dormindo no meio-fio e conversas de cafés morrendo na soleira das portas! E de repente, encontrei-me junto à velha figueira do jardim da praça XV!... Figueira que viu a cidade crescer, ficar bonita, garrida como moça provinciana, que agasalhou os pardais e ainda abriga as gerações que vieram, que viu o jardim transformar-se, perdendo a poeira dos velhos tempos no enfeite do seu calçamento, que acompanhou, com carinho de mãe extremosa, o crescimento e a beleza das orquideas, que guarda em suas folhas, como sussurros de prece, as notas harmoniosas de antigos concertos da banda da Polícia Militar, que abrigou e ouviu juras e queixas de tantos casais de namorados, não é mais aquela figueira do passado! Era mais bonita e mais acolhedora no tempo em que existia um banco em redor do tronco, como um convite à pausa e à meditação!... No

tempo em que a cidade sonhava com o progresso, enquanto a figueira envelhecia! No tempo em que os carrinhos de cavalos, marcavam na cadencia do trote dos animais, toda a sequência maravilhosa da cidade em floração! E a velha figueira, hoje, tem os galhos e troncos retorcidos entregues aos cuidados dos homens, mas, ainda assim, embelezando o jardim, amando a sua cidade!

Lembra u'a mãezinha querida, sem mais poder andar, que a gente senta numa poltrona e a coloca em lugar privilegiado, com o ambiente à vista, o amor em seu redor pulsando em cada coração, a simpatia do novos e dos velhos como aura de vitalidade, e o desejo imenso de que fique, firme e inquebrantável, no seu aconchego de tantos afetos!

U'a mãezinha muito doce e muito amada, contando as particularidades, com carinho e devoção, das nossas dores e dos nossos sofrimentos:

Velha figueira do jardim da praça XV!... Para você, com muito amor e todo o meu carinho, a Trova que fiz, sensível como a planta que Deus orvalha, em sua homenagem:

Figueira tão carinhosa,  
sofrendo na sua idade,  
parece mão amorosa  
abençoanda a cidade!

## Uma Vida no Vapor, com Amor

Durante 27 anos - entre 1929 e 1956, o sr. Alfredo Luz - 64 anos, foi Marinheiro de Ordem no vapor Blumenau e nas 7 outras embarcações que operavam na época, no Itajaí-açu. Ao longo de toda essa jornada ele soube amar o vapor, que na sua opinião, é hoje uma relíquia pública simbolizando o pionerismo do desenvolvimento do Vale do Itajaí.

Com o mesmo entusiasmo e a disposição com que operava as máquinas do vapor, o sr. Alfredo conta a história do barco hoje abandonado às margens do rio que lhe servia em outros tempos.

O Vapor Blumenau veio em peças da Alemanha e foi montado em frente a Igreja de Itajaí. Durante 70 anos ele o fez percurso Blumenau-Itajaí, de 60 quilômetros, que eram vencidos em 5 horas, transportando de 50 a 60 passageiros. A volta, no dia seguinte, era mais demorada e



Hoje aposentado o sr. Alfredo Luz passa o tempo ao lado da esposa, da Geoventina, na casa em que moram na Vila Nova.

levava de 7 a 8 horas. Servia também como rebocador e sua tripulação era constituída de apenas oito homens.

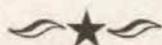
A primeira classe viajava no salão da popa, onde existiam confortáveis acomodações. No convés viajavam os de segunda, que também

desfrutavam de um bom conforto. Na época o vapor era o único meio de locomoção, pois a estrada não passava de uma «picada».

### OUTRAS

Além do Vapor Blumenau outras embarcações operavam na época. A chata de ferro «Stefânia», de 100 toneladas; a Lancha «Itajaí» de 80 toneladas; a Lancha «Progresso» de 40 toneladas; a Lancha «Ilhota» de 40 toneladas; a «Gaspar» de 20 e a «Boa Esperança» também de 20 toneladas. O Rebocador «Santa Catarina» também operava na época. Além do transporte de passageiros as embarcações levavam principalmente fécula e outros produtos primários.

Vendo o Vapor «Blumenau», hoje, o sr. Alfredo Luz sugere uma pintura e completa restauração «apesar das dificuldades pois muitas peças foram perdidas». Mas, faz um apelo às autoridades no sentido de darem à embarcação um destino que realmente ela merece, mostrando aos mais novos o meio de que os antigos se utilizaram para desbravar o Verde Vale do Itajaí.



**A** 7 de março de 1739, o general Silva Paes tomou posse do Governo de Santa Catarina, sediado na vila de Nossa Senhora do Destêrro. O território do Rio Grande do Sul estava, então, sujeito a êsse governo.



**A** primeira estrada entre Destêrro e a vila de Lages, mandada construir em 1786, ficou concluída em 1790. Já então o fundador de Lages, Corrêa Pinto, era falecido.

# Companhia

## COMERCIAL SCHRADER

BLUMENAU - Santa Catarina

Caixa Postal, 4 - Telegramas «CIASCHRADER»

110 anos de tradição no comércio do  
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas

Rua 15 de Novembro Nº. 117

Telefones: 22-0411 e 22-0738

Depósitos: Rua Itajaí, 260

Telefone: 22-0429

**Oficina mecânica especializada "MERCEDES-BENS"**

Rua Itajaí, 625

Telefone: 22-0450

Revendedores de Chassis e peças «MERCEDES-BENS»

Lubrificantes «MORILOIL»: pneus e câmaras de ar

«DUNLOP» e «PIRELLI»

**Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e "SANTA CRUZ"**

**Cia de Seguros Gerais**

Telefone: 22-1024

# Electro Aço Altona S.A.

Rua Eng<sup>o</sup>. Paul Werner, 925 - Fones: 22-0422 e 22-0738  
Caixa Postal, 30 — Telegramos: «ELAÇO»

B L U M E N A U

Fundição Elétrica de Aços Comuns e Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem,  
de Terraplenagem,

Reposição e de Manutenção.

Batalhões Rodo-Ferrovários

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE